

Like, logo existo: educar em tempos de ecrãs

JL/Educação: textos de A. Dias de Figueiredo, Helena S. Pereira e Ana Teresa Prata. O autorretrato de José Oliveira, *Teacher Price* 2025



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS



Vasco Futscher

Um artista em muitas formas

PÁGINAS 20 E 21

**As mortes de Nelson de Matos
e de Teresa Rita-Lopes**

A evocação do editor por Inês Pedrosa
e Manuel Alberto Valente PÁGINA 14 E 4

Em democracia, 50 anos de **ARQUITETURA PORTUGUESA**

... numa grande exposição em Matosinhos,
analisada por José António Bandeirinha.
Textos também dos curadores da mostra

PÁGINAS 6 A 10



PROJETO SAAL, BOUÇA - ÁLVARO SIZA VIEIRA

GILDA OSWALDO CRUZ A concertista pianista também escritora.
Perfil e entrevista * **SHAHD WADI** Como se diz Palestina em português
* **Livros de ideias** lidos por Alberto Arons de Carvalho, António Sousa
Ribeiro e Maria Inácia Rezola * **VIRIATO SOROMENHO-MARQUES**
escreve sobre a Conferência dos Oceanos, em Nice

Não um cânone, um panorama plural da nossa arquitetura

JORGE FIGUEIRA E ANA NEIVA

1A exposição *O que faz falta. 50 anos de Arquitetura Portuguesa em Democracia* (1974-2023), patente na Casa da Arquitetura em Matosinhos até 7 de setembro, celebra cinco décadas de produção arquitetónica em Portugal, a partir de 49 obras e um projeto, enquadradas por manifestações culturais, artísticas e políticas. O título, retirado da canção de José Afonso lançada em 1974, sublinha a urgência da arquitetura enquanto direito fundamental e serviço público, reflexo das mudanças sociais e catalisador na construção e consolidação do espaço democrático.

A seleção curatorial propõe uma leitura crítica da arquitetura portuguesa produzida em democracia, destacando a contribuição de arquitetos de várias gerações ilustrando a diversidade geográfica e cultural do país e abordando uma ampla variedade de escalas, programas e abordagens, em articulação com uma sempre renovada dimensão pública.

O percurso expositivo inicia-se com a experiência *Before*, que evoca a repressão e a resistência cultural em Portugal e onde pode ouvir-se um excerto de *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Hora, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa (as “Três Marias”). O “antes” da democracia prepara o terreno para os cinco módulos seguintes:

Revolution explora o período revolucionário com a emergência do social, e o pós-revolucionário marcado pela estabilização liberal, com o surgimento de novos programas públicos, traduzindo diversos modos de fazer arquitetura, em redescoberta da identidade do país.

Europa reflete sobre os anos da adesão à Comunidade Económica Europeia e as suas repercussões na infraestruturização do território, a modernização das cidades portuguesas, pontuando o arranque da internacionalização da arquitetura portuguesa.

Fin de Siècle traduz a tensão do final do século, com a revisão e balanço do passado e testemunha a redefinição da paisagem de Lisboa com a Expo’98, a democratização do ensino, a construção de equipamentos culturais, e um reforço otimista do papel da arquitetura na sociedade portuguesa. *Troika* aborda a crise económica e identitária que o país enfrentou, analisando as reconfigurações na prática arquitetónica e o crescimento exponencial do turismo.



ATELIER DO CORVO



ATELIER DO CORVO



IVO TAVARES STUDIO



IVO TAVARES STUDIO

Wi-fi trata as transformações tecnológicas e a urgência da agenda climática, refletindo os desafios, debates e experiências em curso que respondem às exigências do mundo contemporâneo.

A exposição encerra em *After*, com duas obras artísticas: a instalação “Anexo” (2024), de Sandra Poulson – uma apropriação e reconstrução simbólica de uma arquitetura informal – e uma peça multimédia interativa, “O Que Faz Falta”, de Sérgio M. Rebelo.

2À ritmada estruturação temporal sobrepõe-se um conjunto de temas profundamente ligados às conquistas democráticas e à nova Constituição portuguesa (1976). A partir da reivindicação de direitos fundamentais – que exigiram o acesso à habitação, a multiplicação de equipamentos de saúde e a democratização do ensino –, a par com a afirmação dos valores culturais e patrimoniais, a valorização das infraestruturas sociais e de mobilidade

e a crescente urgência da agenda climática.

Ao valorizar estas dimensões essenciais para a construção e defesa dos direitos de expressão, pensamento e reunião em Espaço Público – comum, coletivo e colaborativo –, procurámos evidenciar como a arquitetura se constituiu enquanto prática cultural e agente de transformação política e social. Este exercício levou-nos a deslindar as origens de diversos fios condutores que inauguraram temas, programas e

abordagens. Optar por apresentar apenas 49 obras e um projeto, entre um universo imenso de possibilidades, implicou destacar esses inícios como marcos significativos de uma narrativa mais ampla.

Ao longo do percurso, são revisitados momentos determinantes da história contemporânea portuguesa, como a Revolução de Abril de 1974, a adesão à Comunidade Económica Europeia em 1986, a Expo’98, o Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura, o Euro 2004, a intervenção da Troika em 2011

ou a pandemia de 2020. Estes marcos são acompanhados pelas respetivas inflexões na prática arquitetónica e nos discursos sobre a cidade e o espaço público.

O Programa SAAL, com os seus exemplos paradigmáticos como o Bairro da Bouça, no Porto, ou o Casal das Figueiras, em Setúbal, representa a urgência habitacional e o espírito participativo do pós-25 de Abril. As cooperativas de habitação, como Aldoar e Massarelos, são expressão do associativismo e da defesa do espaço coletivo.

Os equipamentos de ensino representam a democratização do acesso ao conhecimento, impulsionada por fundos europeus. Do Polo da Mitra à Universidade da Beira Interior, do edifício de Engenharia Mecânica da Universidade de Aveiro às escolas secundárias reabilitadas pelo programa Parque Escolar, como a Escola Secundária D. Dinis, em Lisboa, ou a Escola Luís de Freitas Branco, em Oeiras, destaca-se o contributo da arquitetura para o sistema educativo.

A exposição celebra cinco décadas de produção arquitetónica em Portugal e propõe ao visitante uma leitura ativa e participada da arquitetura como expressão da vida democrática

A cenografia expositiva

CARLOS ANTUNES E DÉsirÉE PEDRO

A cultura, pilar fundamental da democracia, surge através de obras como o Centro de Artes de Sines, o Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, a Casa das Mudas, o Museu Nadir Afonso ou a nova Biblioteca de Grândola. Estas infraestruturas descentralizadas qualificam territórios, criam novos espaços públicos e reforçam a dimensão democrática da arquitetura.

A arquitetura das pequenas e médias cidades é também valorizada: da Câmara Municipal de Matosinhos à Casa da Juventude de Beja, das Piscinas de Campo Maior à Igreja de Santa Joana, em Aveiro, são exemplos de obras que organizam o espaço urbano como lugar de encontro e coesão social. Já os centros de saúde, como o de Vila do Conde, ou os pequenos equipamentos desportivos e culturais, configuram redes de proximidade fundamentais.

OUTRAS OBRAS, de caráter emblemático, como o Complexo das Amoreiras ou o Pavilhão de Portugal, são atravessadas pela visibilidade mediática e a projeção internacional da arquitetura portuguesa. O Estádio de Braga e o projeto não construído para os Estaleiros da Margueira, por exemplo, ilustram a forma como a arquitetura se colocou no centro do debate sobre a cidade e o desenvolvimento.

A reabilitação do património é outra linha estrutural. A Pousada de Santa Marinha da Costa, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o Mercado do Bolhão, a Casa dos Bicos ou o Teatro Thália ilustram abordagens distintas que conjugam memória e contemporaneidade, propondo novas formas de fruição dos espaços históricos.

No campo da mobilidade, destaca-se o papel da arquitetura na estruturação do território: das escadas do Monte dos Judeus à ponte pedonal da Ribeira da Carpinteira, do Terminal Intermodal de Campanhã ao Metro do Porto, que com seis linhas e 85 estações transformou profundamente a área metropolitana.

A seleção inclui ainda casas unifamiliares e pequenos programas que funcionam como laboratórios de ideias e formas, como a Vill' Alcina, a House Over the Hills ou o Paraíso 331. Projetos como Seis Casas e um Jardim ou Exposed Concrete reafirmam a expressão artística da arquitetura portuguesa.

Com curadoria dos autores deste texto, projeto expositivo de Carlos Antunes e Désirée Pedro (Atelier do Corvo), e design gráfico de Ana Resende e João Castro (The Royal Studio), a exposição assenta numa estrutura de mesas e peças suspensas. Reúne 407 desenhos (119 originais), 274 fotografias e 39 maquetes.

O que faz falta não institui um cânone, mas oferece um panorama plural da arquitetura portuguesa em democracia, cruzando escalas, geografias e autores. Propõe ao visitante uma leitura ativa e participada da arquitetura como expressão da vida democrática. ■

■ Genericamente uma exposição surge da necessidade de registar e explicar a narrativa curatorial criada sobre um determinado tema ou temas. A exposição reflete o diálogo interoperável entre a curadoria e a cenografia, onde a presença de espectadores que irão ver, ouvir e circular entre conteúdos darão sentido e completarão a narrativa espacial criada. Desenhar uma exposição é, por isso, contar uma história dentro da história que a curadoria construiu, é criar um suporte físico mais ou menos inteligível, literal ou metafórico dessa narrativa, num espaço existente com determinadas características espaciais e formais que o definem e conformam.

Criar um suporte expositivo para *O que faz falta. 50 anos de arquitetura portuguesa em democracia*, na Casa da Arquitetura, onde tantas extraordinárias exposições têm acontecido, foi um grande desafio colocado à cenografia.

A partir da necessidade de definir os núcleos temáticos num *continuum* espacial, começou a formalizar-se a necessidade de criar um rio de informação por onde fluíam os projetos, agregando-se em torno de ilhas temáticas. Mas um rio também pode ser uma peça central na definição do desenho das margens e do centro, das ruas, dos largos e das praças, dos portos de abrigo, da circulação e da pausa dos corpos em movimento, lendo os conteúdos expositivos.

A encomenda previa a utilização dos módulos expositivos existentes, desenhados por Eduardo Souto de Moura e se possível a reutilização de estruturas de outras exposições.

A quantidade de conteúdos a expor implicou aumentar o número de bases existentes, isoladas ou associadas, mantendo o desenho dos existentes, mas definindo novos suportes autportantes, que pudessem ser amovíveis em futuras exposições e que não danificassem os módulos existentes.

Visitar a sala de exposições sem a luz cenográfica da anterior exposição, permitiu ver o espaço existente de um modo desassombrado, sem pré-juízos, sem filtro, onde a estrutura das asnas existentes, a sincopar a nave que apresenta um pé-direito considerável, pareceram ser a solução para a formalização dos núcleos temáticos.

Estava encontrado o tema formal dos suportes exposi-



FOTOS: IVO TAVARES STUDIO

tivos: estruturas cruzadas de direção alternada com marcação de encaixes e assemblagens que suportariam os módulos que continham informação gráfica e impressa e as bases das maquetes. Os núcleos temáticos seriam agrupados em torno de caixas suspensas, executadas em cartão alveolar, também elas mostrando os sistemas de assemblagem. Estas caixas precárias teriam conteúdos de natureza distinta na superfície

exterior e interior, pintada com a cor específica de cada núcleo, escolhida pela equipa de designers. Essa cor foi assinalada apenas num topo de uma perna de cada módulo e de cada base de maquete, permitindo que as fugas ao perímetro imediato da caixa suspensa ecoassem subtilmente na leitura do espetador. Os cinco núcleos temáticos e temporais podiam organizar-se de um modo fluido, sem geometrias unidireccionais, com

caminhos mais acelerados ou mais pausados, cruzando-se com outros e assim definindo uma praça, de onde, por sua vez, outros caminhos partem. Mas faltava ainda encontrar o *before* e o *after* que a narrativa curatorial previra.

MAIS UMA VEZ A LEITURA da preexistência definiu a solução: a caixa com infraestruturas, construída em tijolo de cimento pintado de branco e forrada com chapas de inox pelo exterior, situada em frente da entrada impunha-se de tal modo, que parecia incontornável não tirar partido plástico e metafórico dessa presença. Era simultaneamente o ecrã e o dispositivo dissonante que permitia direcionar os visitantes para o início da exposição. Dentro dele, ecrãs de led com texto corrido em cores RGB traduziam para inglês fragmentos das *Novas Cartas Portuguesas*, texto seminal de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno, reproduzindo um ambiente claustrofóbico, heterotópico, como era o espaço antes da Revolução.

No extremo oposto, para o *after*, propuseram-se duas realidades distintas: um módulo interativo desenvolvido por Sérgio Rebelo que “visualiza” as opiniões dos visitantes sobre a exposição e uma “casa” da artista Sandra Poulson, dando continuidade à proposta desenvolvida para o Anozero’25. Trabalhando a partir da realidade construtiva precária dos museus de Luanda, a artista tem vindo a desenvolver proto construções de caráter pragmático e arquetipal, centrando-se no inalienável direito à habitação. Sobre esta estrutura justapõe gradeamentos nos vãos, bordados a fio amarelo, introduzindo uma dimensão ornamental que procura humanizar o ato de habitar. Perante a previsível expectativa de um final que apontasse no sentido mais tecnológico e glamoroso, a solução encontrada, assume as contradições das distintas velocidades e tecnologias que estão presentes na(s) arquitetura(s) da contemporaneidade.

A partir de um programa de grande complexidade e diversidade formal de conteúdos, a cenografia expositiva foi pensada como um exercício de clarificação do diálogo entre a curadoria, o design, as obras, o espaço e os visitantes. ■

A partir da necessidade de definir os núcleos temáticos num continuum espacial, começou a formalizar-se a necessidade de criar um rio de informação por onde fluíam os projetos, agregando-se em torno de ilhas temáticas